



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

O BINÔMIO MAGISTÉRIO-MULHER NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autores. Rosana Souza de Vargas. Alisson Vercelino Beerbaum. Rudião Rafael Wisniewski. Maria Cristina Pansera de Araújo. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. rosanasdvgargas@gmail.com. Universidade de Passo Fundo. alvbeerbaum@gmail.com. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. rudiao.wisniewski@iffarroupilha.edu.br.

Tema. Eixo temático 2.

Modalidade. 1. Nível educação básica.

Resumo. Este texto busca desconstruir o discurso naturalizado referente à prática docente feminilizada, com aporte teórico de Foucault. Atualmente, as salas de aula são ocupadas pela grande maioria de mulheres, devido a fatores históricos de interesse e subjugação, carregados de sentidos sobre o gênero feminino e a negação que desqualifica a prática da docência para o masculino. Condições históricas que perduram até hoje, como os baixos salários e precárias condições de trabalho, reiteraram e reiteram continuamente o caráter sacerdotal da educação, implicando a renúncia e o amor maternal. Além de pesquisa bibliográfica, realizou-se questionário, com questões abertas e fechadas, para levantamento de discursos de professoras de escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul, para confrontá-las com o discurso histórico reproduzido acerca da temática. Entre as conclusões, salienta-se resquícios discursivos que remontam desde o período colonial brasileiro.

Palavras-chave. Gênero, Genealogia, História da educação, Michel Foucault, Profissionalização docente.

Introdução

Um dos setores que possui grandes reivindicações profissionais é a educação. De acordo com a Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (CONTEE), em consulta ao Sindicato dos Professores de Minas Gerais (SINPRO-MG), falta valorização salarial da atividade docente na Educação Básica, sendo que, paralelamente a isso, é recorrente a reivindicação pela igualdade salarial entre homens e mulheres no Ensino Superior (Lugarini, 2018).

A referida pesquisa expõe que dos 2,2 milhões de professores nos Ensinos Fundamental e Médio, em todo o Brasil, 1,8 milhão são mulheres, ou seja, o correspondente a 82% de educadores. Na modalidade de Educação Infantil, a presença das mulheres se intensifica, contexto no qual 304.128 são professoras, aproximadamente 95% do total de 320.321 profissionais, em contraponto à presença de homens que é 16.193. Em Escolas Municipais de Educação Infantil há 266.997 mulheres, quase 98% do total de professores. O perceptível aumento percentual de homens em instituições e níveis de ensino com melhor remuneração também depõe sobre a subjugação da mulher no magistério.

Portanto, urge analisar a realidade das mulheres brasileiras que atuam na Educação Básica, na busca por ressaltar suas características e responsabilidades como profissionais, afastando o caráter maternal da atividade. Por isso, é necessário que ocorram discussões que imponham à sociedade a reflexão sobre este aspecto central, desacomodando e desarticulando questões naturalizadas a partir de um patriarcalismo mascarado.

A transformação e o reconhecimento só ocorrem pela superação das desigualdades e pela qualificação da educação. Assim, o presente texto tem o objetivo de estabelecer uma genealogia histórica, pois volta-se “para as descontinuidades e as margens, busca dissociar e desnaturalizar, quebrar a unidade do ser humano, destacar o posicionamento de seus discursos, fugir do supra-histórico, do totalizante” (Trevisan, 2018, p. 162).

Para tanto, foi realizada uma revisão teórica balizada pela teoria genealógica de Michel Foucault, confrontando os pensamentos docentes obtidos por meio de um questionário dirigido e, posteriormente, analisado. O intuito é compreender a refutação de determinados discursos pela sociedade hegemônica, vislumbrando, principalmente, a figura representativa do sujeito mulher e seu papel na profissão docente, bem como a memória discursiva do meio educacional.

Desenvolvimento conceitual

O aspecto histórico da prática docente no Brasil precisa ser analisado desde seu marco inicial, quando o Brasil era uma colônia portuguesa destinada unicamente à extração de recursos naturais, em vista de salientar o papel das mulheres nas sociedades construídas. Naquele tempo, a educação era realizada por homens clérigos da Ordem da Companhia de Jesus e o acesso ao letramento religioso era limitado aos homens, fossem nativos cristianizados, imigrantes ou burgueses. Devido à marginalização do sexo feminino na vida do trabalho, as mulheres não recebiam ensino formal.

A partir da Reforma Pombalina, ocorreu o fim do domínio da Companhia de Jesus na educação, mas a Igreja manteve sua influência metafísica na docência, ao construir a narrativa da docência sacerdotal, que dava aos professores o mesmo prestígio dos clérigos, atraindo muitas pessoas à atividade. De acordo com Foucault (1999), a narrativa da Igreja institucional impõe o discurso que se converte em materialidade. Por isso, naquele momento, conforme Ataíde e Nunes (2016), o magistério se confundia com o sacerdócio em missão apostólica.

Em meados do século XVII, os sentidos que guiavam os sujeitos da época podem justificar a ideologia do beatério, que é a representação do professor como sujeito abnegado, que se doa, e o qual não exige compensação material, posto que a recompensa ao professor era o *status* da beatificação informal.

Em 1835, ocorre a abertura da primeira Escola Normal, no Rio de Janeiro. Os requisitos incluíam ler, escrever, contar, ser maior de 18 anos, de costumes puros, não ter sido condenado por crime ofensivo à religião do Estado ou à moral pública (Santana, 2012). O currículo apresentava apenas uma disciplina de formação pedagógica, chamada de Estudo dos Métodos Conhecidos de Ensino.

A constituição do magistério como profissão de mulher ocorre entre os finais do século XIX e início do século XX, porque o contexto industrial e urbano implica na saída de alguns homens do exercício dos magistérios, trazendo às mulheres com formação na Escola Normal a possibilidade de trabalho docente fora do lar.

A partir disso, a docência para infância já era a profissão ideal para a mulher, pois aperfeiçoava sua natureza maternal e não oferecia risco à moral. Contudo, o discurso vocacional burguês implicava à docência característica de sacerdócio, com maior valor moral do que social, reforçando o papel da mulher na manutenção da moralidade (Rabelo & Martins, 2010). Esse discurso, partindo de uma visão androcêntrica sobre a docência e a mulher, acabou por desvalorizar o magistério, pois, sendo a mulher o sujeito naturalmente habilitado a essa atividade profissional, não havia necessidade de profissionalização da

docência, a mulher era vocacionada. Contudo, o mesmo discurso foi utilizado estrategicamente pelo movimento feminista para que rapidamente fossem absorvidas pelo campo do trabalho, um grande passo inicial no afastamento das amarras ideológicas patriarcais e na conquista de liberdade e autonomia. E, apesar de parecer que o homem concedeu à mulher uma parcela de poder, isso é contrariado por Foucault (1979, p. 99) ao afirmar que o poder não é concedido a ninguém por ninguém, mas algo que “se exerce, só existe a ação”, ou seja, a mulher foi o sujeito agente, que passou a exercer essa parcela do poder.

A genealogia de Foucault

Michel Foucault realizou análises profundas sobre a produção e a prática de discursos que criam saberes sustentados pelo estatuto da verdade estabelecido nas relações interpessoais. Sendo assim, a genealogia foi tomada como um conjunto de condições históricas que reiteram determinados discursos e refutam outros, existindo dois tipos de histórias possíveis de serem criadas e estudadas: a história dos historiadores e a história genealógica. “A primeira, já criticada por Nietzsche, remete a um fazer histórico ironicamente supra-histórico, isto é, com pretensão totalizante e de tradição teleológica, que busca origens e verdades” (Trevisan, 2018, p. 161). A genealogia “escapa à metafísica e não pretende se apoiar sobre absolutos. [...] destaca a singularidade, o acontecimento, ou seja, uma confluência das relações de força que ocasiona algum tipo de mudança, de descontinuidade” (Trevisan, 2018, p. 162).

Assim, pode-se compreender que a proposta genealógica problematiza práticas de poder que não são refletidas. Se preocupa com a subjetivação e com os discursos que constroem os modos de pensar, agir, ser e sentir, específicos a cada época. Foucault (1979) afirma que o poder não pode ser visto como um fenômeno único e abrangente, que não se expressa unicamente da dicotomia entre quem o detém e quem a ele se submete, “o poder funciona e se exerce em rede” (p. 103). Isso evidencia que a relação entre homem e mulher não ocorre de maneira unilateral, mas com múltiplos aspectos de dominação e resistência.

Desenvolvimento Metodológico

Para a realização deste texto, foi adotada uma abordagem qualitativa, realizada por meio da Análise do Discurso (AD) proposta por Foucault (2008). A AD é uma vertente da linguística que se ocupa em estudar o discurso e, como tal, evidencia a relação entre língua, discurso e ideologia. O estudo foi realizado no início do primeiro semestre de 2020 e, considerando o seu objetivo, englobou a participação de professoras de duas escolas de educação básica da rede estadual do Rio Grande do Sul. O convite para responder o questionário foi enviado a um total de 48 professoras. No entanto, só responderam 16 participantes. O projeto que orientou o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade a que os autores deste artigo estão vinculados, com número de protocolo 2260474, e as professoras assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As questões foram enviadas por meio do *Google Forms*, tendo sido elaboradas com o intuito de analisar as concepções das professoras acerca das relações de gênero na vida profissional. A partir da AD, foi confrontado o levantamento genealógico do discurso acerca da feminilização da profissão docente, conforme teóricos como Foucault. Os dados advindos da análise foram triangulados com as referências bibliográficas, a fim de articular de maneira mais basilar os argumentos e metatextos produzidos. Os trechos selecionados foram considerados os mais pertinentes para a discussão, marcados em *itálico* e/ou *sublinhados*, para diferenciar do aporte teórico geral e subsidiar a escolha argumentativa. Os sujeitos da pesquisa estão

identificados da seguinte forma: D1, D2, D3 ... D16, sendo que o "D" corresponde à palavra docente e "1, 2, 3, ..., 16" é a numeração dada aos formulários respondidos.

Concepções sobre a docência

Verificou-se, por meio das respostas obtidas das respondentes, que a ideia vocacional faz parte de alguns discursos das professoras da educação básica:

Você apoia a ideia de que é preciso ter vocação para exercer a docência? Justifique. (D1) Com certeza; (D2) prefiro usar o termo perfil e não vocação; (D6) apoio totalmente; (D9) Vocação natural da mulher aperfeiçoada pela formação e prática. Primeiro vem o gosto pela atividade, depois o qualificar; (D10) acho que é necessário ter perfil de educador...ter sensibilidade e amor para fazerem diferença na vida de cada um(a) dos educandos; (D14) Sim; (D15) sim. Com a vocação o trabalho gera satisfação e o resultado do trabalho fica mais qualificado. Melhorando também a qualidade de ensino.

Falar em "perfil" pressupõe que há uma maneira própria de ser professor, que engloba traços e representações. Quando ligado aos termos "sensibilização" e "amor", alude a uma ideia de um arcabouço histórico-social, a uma vocação que deveria ser mais importante do que a compensação financeira, e que influencia o docente a pensar que é um dom pessoal, que nasceu para isso. Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas financeira e socialmente.

Somente três docentes discordam da conjectura de que é preciso vocação para ensinar: "não, precisa de empenho, dedicação e estudo" (D3, D4) e (D11) "não precisa vocação, mas precisa características e oratória, afinidade com alunos na sua faixa de idade entre outras habilidades profissionais como para ministrar na graduação". A mulher, em meio a um universo sociológico oculto, se localiza sempre subjugada ao homem. A compreensão dessa realidade é ponto de partida para resistência e, conseqüentemente, o início de uma luta por uma reorganização de paradigmas.

Quando questionadas acerca da temática da igreja e seus desdobramentos na práxis docente, surge o seguinte discurso:

Historicamente, o cristianismo sempre pregou a diferença entre normas permissivas ao sexo masculino e ao sexo feminino. Em sua prática, você compreende a presença destes dogmas? Em que situações? Por que você acredita que isso acontece? (D1) sim, principalmente nas religiões evangélicas. Acredito que isso seja dogmático; (D2) acredito que isso ocorra pois se considera o sexo masculino como superior; (D5) sim, existe sim. No ambiente docente existem muitos estereótipos. A educação, o ambiente escolar está parado no tempo, desmotivado e perdido. Existem muitos absurdos no ambiente escolar. A escolha de secretários de educação que não sabem nada de educação, por exemplo, que são homens e são da política. Com tanta mulher Ph.D. continuam colocando homens e de outras áreas para conduzir a educação. (D9) o cristianismo assim como outras religiões é liderado por homens, para responder especificamente precisaria estudar melhor. Inicialmente parece uma questão cultural; (D10) vejo ainda muito forte principalmente nas falas e atitudes.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

Tais relatos revelam que é existente uma consciência acerca do papel da religiosidade e seus desdobramentos no papel social idealizado para o feminino. “Estereótipos”, “dogmas”, “masculino como superior”, “cristianismo” são expressões nas quais as entrevistadas sugerem inconformidade diante do cenário que é exposto a elas.

Ao analisar o magistério como primeira conquista da mulher na sociedade, Almeida (1998) lembra que sua atuação na docência representou um movimento distinto de educação social ao questionar criticamente a existência da mulher em um mundo ideologicamente masculino, o ser mulher enquanto condição humana e enquanto característica sexual. Portanto, o magistério representou para a mulher brasileira seu primeiro lugar de visibilidade individual frente ao contexto social, rumo a conquistas subsequentes como o acesso à universidade, o que possibilitou, também, o acesso a outras profissões.

Quando questionadas acerca de uma possível relação entre a docência e as atribuições biológicas, uma entrevistada cita a ideia de maternidade: “(D15) eu acredito que seja pelo grau maior de vocação entre as mulheres, mulher sempre mãezona. Acho também que o instinto maternal ajuda a tendência a vocação de educador entre as mulheres”. O discurso de D15 contrasta-se dos demais, que declararam categoricamente não existir pressuposto obrigatório que relacione a maternidade com a profissão docente. D8 e D9 afirmaram que as habilidades e competências docentes vão para além de prerrogativas instintivas oriundas de atributos biológicos que reduzem o debate à dicotomia homem *versus* mulher.

(D2) Herança histórica; (D14) O salário baixo afasta homens da profissão; sensibilidade feminina (D1); Por muitas pessoas associar à docência/educação como papel da maternidade, de educar filhos (D5); acredito que esta ideia vem do fato histórico da “professorinha”, única profissão a qual era destinada à mulher porque cuidar dos filhos, das crianças era dever das mulheres (D12).

Para garantir a permanência deste discurso, segundo Almeida (1998), a escola para mulheres foi concebida para que se aperfeiçoassem apenas em relação à vida familiar, com aplicação de currículos sobre habilidades domésticas. Era vedado o acesso a outros níveis de ensino durante todo o período colonial. Assim, aqui se consagra e se constitui a profissão “professorinha”, apontada por D12, uma profissão atenta ao cuidado, como D5 também explicita. Corrobora com isso o fato das esferas trabalhistas com maior prestígio social, como engenharia, química, física, política, jornalismo, serem ocupadas por homens.

Outro ponto a ser ressaltado é o que fora proferido por D14, que possibilita questionar o porquê do salário baixo afastar os homens do magistério: seria porque o homem é visto, se vê e atua na sociedade, como o patriarca da família? Aquele que deve sustentá-la e, por isso, deve ganhar uma renda melhor/maior?

Quando questionadas acerca de suas compreensões das duplas jornadas das mulheres entre família e trabalho, as entrevistadas responderam:

(D1) As mulheres são mais fortes do que elas pensam!; (D2) O desejo pelo espaço na sociedade foi a esse preço, mas não concordo com isso; (D3) Isso ainda é resultado da cultura machista, onde o homem trazia o sustento e a mulher cuidava da casa, hoje a mulher obteve conquistas mas carrega ainda junto dela os deveres de casa, as próprias mulheres na criação de filhos homens não ensinam a responsabilidade de deveres doméstico, resultado que ainda vivemos em um país machista. Devemos como sociedade mudar hábitos familiares e progressivamente mudar esse jeito de trabalhos domésticos é somente

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

coisa de meninas.; (D5) A sociedade ainda enxerga a mulher como a pessoa que deve cuidar da casa, o que faz com que ela tenha uma jornada tripla de trabalho. Como se fosse obrigação única da mulher conciliar casa e trabalho.

Quando se trata da mulher no mundo público, profissional, especificamente no magistério, a abordagem da dicotomia entre público e privado permite compreender a configuração das relações de gênero na determinação de ambos os espaços. A esfera privada, que compreende o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, é interpretada como espaço não político. Não obstante, tais tarefas são direcionadas ao sexo feminino, enquanto as funções de domínio público, político e econômico são apresentadas como atribuições masculinas.

Conclusões

A herança de uma escola que teve sua gênese sob uma perspectiva masculina atravessou os tempos, deixando traços que ainda no século XXI podem ser observados e analisados. Isso permite concordar com Foucault (1979) em sua afirmação de que analisar a genealogia de um saber prescinde da ponderação acerca de diversas premissas, não para refutá-las, mas para construí-las em uma formação discursiva diferenciada.

As opiniões dadas no questionário, que demonstram resquícios de visões que remontam ao Brasil colonial, apontam para o entendimento de que esse fenômeno é parte fundamental da história social, cultural e educacional brasileira e tem estreita relação com uma das bases que fundamentam a sociedade capitalista, o regime patriarcal. A mulher, historicamente, subverteu a dominação que lhe era imposta ao burlar o exercício dominante de poder, com resistência, se apropriando do discurso androcêntrico em seu favor. Não entender esses aspectos como reguladores da sociedade é desconsiderar uma história de luta, capitaneada, entre outros, por um magistério feminino que está longe de ser passivo.

Referências bibliográficas

- Almeida J. S. (1998). *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.
- Ataide, P. C., & Nunes, I. D. M. L. (2016). Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. *Revista Educação e Emancipação*, 9 (1), 167-188.
- CONTEE. (2010) *Mais de 7 milhões de alunos são de escolas privadas*. Recuperado de <http://www.contee.org.br/noticias/educacao/lista2010.asp>.
- Foucault, M. (2014). *Microfísica do Poder* (28a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir*. São Paulo: Leya.
- Foucault, M. (2007). *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (13a ed.). São Paulo: Graal.
- Lugarini, V. (2018). Professoras são maioria no ensino básico, mas minoria na universidade. *Sindicato dos Professores de Minas Gerais*. Recuperado de <http://sinprominas.org.br/noticias /professoras-sao-maioria-no-ensino-basico-mas-minoria-na-universidade/>.
- Rabelo, A. O., & Martins, A. M. (2010) A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. *Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, 4(1), 6167–6176.



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

Santana, E. F. (2012). A resistência à dominação masculina em Pierre Bourdieu e a reflexão sobre o direito. *Águia: Revista Científica da FENORD/Fundação Educacional Nordeste Mineiro*, 2(1), 99–118.

Soihet, R. (1997). Violência Simbólica: Saberes Masculinos e Representações Femininas. *Revista Estudos Feministas*, 5(1), 1-23.

Trevisan, G. S. (2019). Diálogos entre os Feminismos e Foucault: Genealogia, Subjetividade e Transgressão. *Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, 6(13), 159-173.